

Celebração do Centenário Caixa de Crédito Agrícola do Cadaval



Decorreu no passado dia 5 de março, no auditório dos Bombeiros Voluntários do Cadaval, a sessão comemorativa do Centenário da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Cadaval.

Entrevista a Manuel Chaveiro Soares, Administrador da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Cadaval

Área Oeste – Este ano comemora-se os 100 anos de existência da Caixa Agrícola, o dia 5 de março ficou assinalado pela sessão solene, e lançamento do livro “Há 100 anos a desbravar o Futuro”. Qual a importância deste dia?

Manuel Chaveiro Soares - A comemoração do centenário de uma instituição corresponde a um momento de reflexão sobre o andamento da mesma, relevando sucessos e fracassos, apontando o caminho do futuro, e, obviamente, prestando homenagem aos seus fundadores e a todos aqueles que, ulteriormente, emprestaram o seu esforço para o êxito da Caixa Agrícola.

Á.O. – Qual o momento de mais destaque nas comemorações do centenário?

M.C.S. - Destacariamos os seguintes momentos especialmente importantes: as comunicações apresentadas pelos três principais dirigentes do Grupo Crédito Agrícola, pela Directora Regional de Agricultura e Pescas, e pelo Presidente do Município, para além das interessantes considerações tecidas pelo autor do livro comemorativo do centenário da Caixa Agrícola do Cadaval.

Acrescentariamos ainda o agradável convívio final, entre associados, clientes, dirigentes do Crédito Agrícola e colaboradores da Caixa do Cadaval, sendo oportuno realçar e agradecer a colaboração entusiástica que estes últimos dispensaram à realização do evento.

Á.O. – Qual o balanço que faz da actividade desta Instituição?

M.C.S. - A actividade desenvolvida ao longo de um século pela Caixa do Cadaval pode considerar-se altamente meritória, primeiro como única instituição financeira próxima dos agricultores do concelho e, nos últimos cinquenta anos, como aquela que sempre apoiou o sector agrícola e as famílias da sua área de influência, uma relação ímpar de confiança, proximidade e solidariedade.

Á.O. - Como se enquadra a Instituição em termos económicos?

M.C.S. - A CCAM do Cadaval apresenta rácios de solvabilidade e de capital muito acima dos requeridos pela entidade de regulação e supervisão, o que inspira grande con-



fiança aos seus depositantes que, muito justamente, consideram esta Caixa como uma instituição de refúgio.

Á.O. – Quais os meios utilizados para que exista estabilidade na Caixa Agrícola do Cadaval, mediante a actual conjuntura?

M.C.S. - A Caixa do Cadaval tem superado a actual conjuntura financeira – que corresponde à crise mais grave da História –, graças a uma gestão muito prudente e sã, com a participação competente e empenhada dos seus funcionários, em articulação frutuosa com a Caixa Central.

Á.O. – Ao nível do futuro, existem já estratégias delineadas? Quais?

M.C.S. - Atendendo ao actual panorama do sistema financeiro português e à sua provável evolução, consideramos que o Grupo Crédito Agrícola encontra-se solidamente posicionado para continuar em mãos de Portugueses, representando mesmo um baluarte em defesa da soberania financeira de Portugal, mantendo as Caixas Agrícolas com a sua identidade própria e autonomia, em articulação

solidária com a Caixa Central e a Federação Nacional das Caixas Agrícolas. Na nossa modesta opinião, o Grupo Crédito Agrícola, onde se integra a Caixa do Cadaval, tem um futuro promissor e sem interferência de estrangeiros, assegurando assim uma cooperação frutuosa e solidária com os seus associados e clientes.

Á.O. – Como encara a actual situação do sistema financeiro português?

M.C.S. - Temos de reconhecer, numa apreciação global, que a generalidade dos bancos, mormente os de grande dimensão, denota fragilidades. Recorde-se que, nos últimos anos, colapsaram quatro bancos e, a partir de 2011, ano da intervenção externa, quase todas as maiores instituições financeiras têm vindo a apresentar resultados negativos. Em 2015 registaram-se diversas excepções, mas cumpre anotar que esses resultados positivos provieram sobretudo da venda de dívida pública, o que corresponde a uma operação financeira extraordinária, proveniente da alienação de activos. Quer dizer que, nas actuais circunstâncias, muitos são os bancos que não conseguem

(Continua na página 17)



Foto: Ricardo Soares

(Continuação da página 16)

alcançar resultados positivos. Efectivamente, conjugam-se diversos factores desfavoráveis ao bom andamento dos bancos, com sublinhado para os elevados montantes de crédito malparado e a reduzida margem financeira, decorrente, principalmente, do facto da taxa de referência (Euribor), utilizada em numerosos empréstimos, se situar próximo de zero; acresce a forte concorrência na concessão de crédito, devido à fraca procura, quer para investimento quer para consumo.

O que precede implica, nomeadamente, que a generalidade dos bancos se capitalize obrigatoriamente, mas, como não apresentam lucros atractivos, não é fácil encontrar accionistas dispostos a aplicar dinheiro no capital dos bancos. Acresce que, em Portugal, não existem capitais privados em abundância, pelo que o mais provável é que acabem por aparecer capitais estrangeiros, dispostos a correr riscos e a comprar bancos a baixo custo.

Em consequência, Portugal pode vir a perder a soberania financeira o que, na nossa modesta opinião, pode não ser favorável para o País, especialmente quando se trata de conceder crédito a investimentos de elevado montante, designadamente em áreas produtivas já desenvolvidas noutro País e apoiadas pelos poucos grandes bancos, de capitais estrangeiros, que fiquem em Portugal (como parece ser o desejo do Banco Central Europeu).

Á.O. – Como coloca o Crédito Agrícola no quadro que acabou de descrever?

M.C.S. - O Grupo Crédito Agrícola tem-se distinguido por apresentar uma trajectória sempre positiva durante toda a grave crise que se vem atravessando desde 2007-2008, dispendo de uma situação financeira desafogada, pelo que não tem as mesmas necessidades de capitalização apresentadas pela maioria da convencional banca de base accionista. Esta diferença de robustez financeira justifica-se, em parte não despendianda, pelo facto do Crédito Agrícola ter uma matriz cooperativa, enquanto que a convencional banca de base accionista tende a maximizar lucros, para distribuir dividendos elevados aos seus accionistas, o que não tem permitido, em geral, uma capitalização adequada, ou, talvez pior, nalguns casos favorecendo empréstimos desastrosos a empresas dos próprios accionistas.

Por exemplo, a Caixa Agrícola do Cadaval apresenta um



rácio de capital Tier 1 (47%) muitíssimo superior ao exigido pela entidade de regulação e supervisão (7%). Trata-se de uma situação excepcionalmente confortável, invulgar no mundo bancário, que confere uma segurança também excepcional, e por isso merece a confiança dos seus associados e clientes. Resulta, essencialmente, da adopção de práticas de gestão sã e muito prudente.

Á.O. – Como explica a solidez do grupo Crédito Agrícola?

M.C.S. - São vários os factores que concorrem para essa situação. Em primeiro lugar as Caixas Agrícolas actuam como bancos cooperativos locais, onde é grande a proximidade com os clientes, o que permite ter um cabal conhecimento dos mutuários, o que não é possível nos grandes bancos, porventura com o centro de decisão final localizado no estrangeiro. Esta é a principal razão por que defendemos que, talvez contrariando os ventos vindos da recente União Bancária, as Caixas de Crédito Agrícola Mútuo devem continuar a manter a sua identidade e autonomia de decisão, o que necessariamente minimiza os riscos iner-

entes à concessão de crédito. E, por outro lado, permite estabelecer ligações fortes com a comunidade a que pertencem e adoptar práticas de responsabilidade social. De salientar que a generalidade das Caixas Agrícolas trabalha predominantemente com micro e pequenas empresas, precisamente onde a nível nacional é mais elevado o crédito malparado, 25,1% e 14,4% respectivamente. Mas estes níveis não se registam nas Caixas Agrícolas, precisamente porque decidem localmente, com um conhecimento próximo dos mutuários.

Em segundo lugar reputamos muito importante a integração das Caixas Agrícolas na Caixa Central, beneficiando especialmente no que concerne às funções de orientação, apoio e supervisão exercidas por esta entidade coordenadora.

A terminar, gostaríamos de salientar que, na nossa modesta opinião, o Grupo Crédito Agrícola é a instituição financeira que reúne melhores condições para continuar em mãos de Portugueses, empenhados no estabelecimento de laços de solidariedade com as comunidades a que pertencem e que servem.

COM OS AGRICULTORES
HÁ 100 ANOS A DESBRAVAR
O FUTURO.

DESDE 1916 SEMPRE AO LADO DOS AGRICULTORES.

CA
Crédito Agrícola
Cadaval